

Tecnologia social da memória e história de vida para pesquisas na área da comunicação

Mayara Martins da Quinta Alves da Silva,
Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Resumo: Esse artigo constitui uma revisão teórica que visa demonstrar as potencialidades da tecnologia social da memória, desenvolvida pelo Museu da Pessoa (2009), em convergência com as entrevistas de história de vida como procedimento metodológico voltado às pesquisas na área da comunicação. A intenção é destacar como a tecnologia social da memória e as entrevistas de história de vida podem auxiliar na busca por respostas em pesquisas nas ciências da comunicação. Para o desenvolvimento deste artigo foi utilizado como método um levantamento bibliográfico. Uma vez que o método tem origem na psicologia social e é utilizado em diversas áreas do conhecimento, voltou-se à epistemologia da comunicação e à noção de comunicação como vínculo, conceituada por Muniz Sodré (2014), para descrever como a tecnologia social da memória e as entrevistas de história de vida podem ser pensadas a partir da comunicação e para as pesquisas em comunicação. É importante visualizar os aspectos da epistemologia da comunicação, a fim de compreender as potencialidades da história de vida e traçar caminhos que permitam normatizar em quais possibilidades e para quais fins o método pode ser utilizado. Os resultados demonstram que o uso da história de vida associada à tecnologia social da memória traz possibilidades para responder problemas nas ciências da comunicação a para atuar no fortalecimento do campo, a partir da compreensão da comunicação como ação constitutiva dos fenômenos sociais. Além disso, revelou-se a entrevista de história de vida como ferramenta de transformação social considerando a associação direta entre memória individual e coletiva.

Palavras-chave: Comunicação; Memória; Metodologia; Tecnologia; Entrevista.

Social technology of memory and life history for research in communication area

Abstract: This article is a theoretical review that aims to demonstrate the potential of the social technology of memory, developed by Museu da Pessoa (2009), in convergence with life history interviews as a methodological procedure aimed at research in communication area. The intention is to highlight how the social technology of memory and life history interviews can help in the search for answers in research in the sciences communication. For the development of this article, a bibliographic survey was used as a method. Since the method has its origins in social psychology and is used in several areas of knowledge, turns it self to the epistemology of communication and the notion of communication as a bond, conceptualized by Muniz Sodré (2014), to describe how the social technology of memory and life history interviews can be thought of from the point of view of communication and for research in communication. It is important to visualize aspects of the epistemology of communication, in order to understand the potential of life history and to trace paths that allow normalizing in which possibilities and for what purposes the method can be used. The results demonstrate that the use of life history associated with the social technology of memory brings possibilities to answering problems in the communication sciences and to act in the strengthening of the field, from the understanding of communication as a constitutive action of social phenomena. In addition, the life story interview was revealed as a tool for social transformation considering the direct association between individual and collective memory.

Keywords: Communication; Memory; Methodology; Technology; Interview.

1. Introdução

A história de vida é uma possibilidade metodológica que tem origem nos estudos da psicologia social, mas com o uso aplicado para diversas áreas do conhecimento e potencialidades estratégicas para as pesquisas em comunicação. Neste sentido, a intenção deste artigo é demonstrar, com uma revisão teórica efetivada com levantamento bibliográfico, quais as particularidades do uso de entrevistas de história de vida nas pesquisas em comunicação e demarcar quais possíveis objetivos comunicacionais são potencialmente respondidos com a utilização deste método.

Para traçar esta revisão teórica e demonstrar as potencialidades desta nova abordagem metodológica este artigo utiliza como procedimento metodológico a triangulação teórica de concepções já conhecidas para propor um cruzamento que faz emergir uma nova perspectiva investigativa alicerçada na epistemologia da comunicação, nos estudos sobre memória propostos por Ecléa Bosi (1979) e na tecnologia social da memória, desenvolvida pelo Museu da Pessoa (2009).

Neste cenário de novas possibilidades investigativas, para iniciar o debate é importante delimitar conceitualmente as instrumentações presentes na triangulação aqui proposta. Assim, compreende-se por tecnologia social “Todo processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil reaplicabilidade e impacto social comprovado.” (Pena & Mello, 2004, p. 84), neste caso aplicado ao registro da memória das pessoas e, por consequência, da memória coletiva. Assim, com o uso de uma nova tecnologia se torna possível facilitar o registro da memória e ampliar a aplicabilidade do método em pesquisas científicas.

Destaca-se o fato de que a memória individual está diretamente associada à memória coletiva. Traz-se este fato considerando a percepção de que histórias de vida são reproduções de lembranças e que estas lembranças, quando reproduzidas publicamente, se entrelaçam e afetam a memória coletiva, fortalecendo ou transformando as narrativas socialmente compartilhadas.

A relação entre memória individual e coletiva pode gerar questionamentos sobre como se estabelece essa interação, busca-se entender se é possível visualizar a memória coletiva acessando apenas memórias individuais. Este questionamento pode ser respondido pela tecnologia social da memória com a utilização do método de história de vida. Em termos práticos, questiona-se também se isso envolve a utilização de entrevistas de história de vida aplicadas a indivíduos para acessar aspectos da memória coletiva e da descrição do imaginário de fenômenos sociais complexos.

Ecléa Bosi (1979) já questionava esta relação ao tratar da memória e da interação.

“Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória? Estaremos sós quando nos afastamos de todos para melhorar recordar? Quando entramos dentro de nós mesmos e fechamos a porta, não raro estamos convivendo com outros seres não materialmente presentes.” (Bosi, 1979, p. 330).

Assim, visualiza-se que nas lembranças individuais há memória coletiva. A memória coletiva é intrínseca à do indivíduo, a afeta e é afetada. Esta visível interação entre memória individual e coletiva se relaciona diretamente com o uso das entrevistas de história de vida, por se tratar de uma possibilidade metodológica para entender facetas dos fenômenos sociais e capaz de responder perguntas em pesquisas nas ciências da comunicação. Este aspecto relacional explica como alguns fatos sociais impactam alguns indivíduos e não outros, delimitando/ampliando a subjetividade das lembranças no indivíduo e do imaginário coletivo.

Lembranças são pontos de vista de indivíduos que quando não são acessados e resgatados passam a pertencer apenas à subjetividade daquela pessoa. Quando verbalizadas, publicizadas, as lembranças podem afetar o outro e, por consequência, o coletivo. Neste contexto, a história de vida é um método de importância estratégica para as investigações com abordagem qualitativa, e pode trazer grandes contribuições quando o foco das pesquisas são os processos comunicacionais.

Evidenciadas as potencialidades da história de vida como método para as pesquisas em comunicação, é importante voltar à epistemologia deste campo para demarcar conceitualmente a comunicação e, após essa definição, perceber como o entendimento sobre a comunicação se reflete na tecnologia social da memória e na história de vida.

2. Comunicação, Vínculo e História de Vida

A complexidade da comunicação faz com que seja essencial um olhar epistemológico que, partindo de uma autoanálise no plano metateórico, possibilite utilizar conteúdos exógenos à comunicação de maneira agregadora ao campo, na construção de estudos transdisciplinares que mantenham a centralidade comunicacional.

Partindo do princípio de não dispersão, delimita-se a comunicação como vínculo relacional basilar para construção da sociedade. Para Sodré (2014) a comunicação é vínculo pois é na ação comunicativa que o comum é delineado, ainda que de forma inconsciente. Neste entendimento, portanto, a comunicação é inerente e necessária para a vida em comunidade.

“Originariamente, comunicar – “agir em comum” ou “deixar agir o comum” – significa vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo. Assim como a biologia descreve vasos comunicantes ou a arquitetura prevê espaços comunicantes, os seres humanos são comunicantes, não porque falam (atributo consequente ao sistema linguístico), mas porque relacionam ou organizam mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente – em função de um comum a ser partilhado.” (Sodré, 2014, p.7)

A percepção da comunicação como uma dimensão constituinte se afasta de um modelo transmissionista e informacional, uma vez que considerar que a comunicação não se restringe apenas à prática discursiva: o ser social necessariamente se relaciona e, nesse sentido, a comunicação é constitutiva às dinâmicas sociais e à construção social da realidade. Sodré (2014) destaca, ainda, que esse entendimento é também uma questão política, já que reduzir a noção de comunicação apenas aos extremos receptor/emissor ignora a sua complexidade. “Comunicar é, assim, principalmente fazer – inclusive, fazer silêncio, no qual também o sentido está presente” (Sodré, 2014, p. 152).

Se comunicação é vínculo e é constitutiva para existência humana em sociedade, a própria história de vida existe *a partir* da comunicação. Diante disso, acessar histórias de vida através de entrevistas é também uma forma de vínculo; uma maneira de instrumentalizar um método qualitativo que possibilite encontrar respostas sobre os fenômenos sociais e, por consequência, dos fenômenos da comunicação.

A questão do vínculo é fundamental na construção do método de história de vida; já que além de existir a partir da comunicação, a entrevista pressupõe o necessário estabelecimento de vínculo entre narrador e entrevistador. Resgatar histórias de vida, compreendê-las, contá-las e analisá-las são atos puramente comunicacionais.

Ecléa Bosi relata:

“O principal esteio do meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a vida revelada do sujeito.” (Bosi, 1979, p.1)

Sodré (2014) explica que o vínculo precede representações, pois é como um laço invisível, uma “força de onde não raro provêm as atitudes tomadas no interior das relações intersubjetivas sem o recurso prévio a uma reflexão mais demorada” (Sodré, 2014, p. 151). Nessa vinculação se encontram as histórias de vida, tanto na formulação das lembranças, quanto na verbalização de narrativas ou mesmo na construção de novas realidades a partir da memória.

“A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios.” (Bosi, 1979, p.15)

Dessa forma, a história de vida possibilita a reprodução de lembranças, memórias, narrativas construídas com o vínculo a partir do saber compartilhado, escuta ativa e outros instrumentos relativos ao método. Para realização das entrevistas de história de vida e seu uso nas pesquisas em comunicação, o caminho facilitador é o instrumento desenvolvido pelo Museu da Pessoa (2009) denominado tecnologia social da memória, que dá as ferramentas e o passo a passo tanto para uma operacionalização teórico-metodológica, como para auxiliar no fazer científico dentro das possibilidades dos métodos qualitativos.

3. Tecnologia Social da Memória e História de Vida

Para demonstrar como uma tecnologia pode ser um agente de inovação no campo da metodologia qualitativa é preciso demarcar o que se entende por tecnologia e como a história de vida aparece dentro deste contexto. Compreende-se tecnologia como:

“A tecnologia surge quando se adquire, sob o modo do logos, a compreensão de tal saber fazer, quando se acrescenta reflexão à técnica. Pressupõe, mais do que a familiarização com o saber técnico, uma formulação discursiva refletida e teórica. Ao integrar os elementos básicos do fazer e a reflexão teórica do saber, a tecnologia pode ser considerada como a teoria da técnica, estando situada a meio caminho entre as ciências claramente especulativas e os conhecimentos aplicativos técnicos.” (Silva, 2001, p.842).

Neste cenário surge a tecnologia social da memória com o uso da inovação e normatização para resgatar memórias. Silva (2001) conceitua a tecnologia como uma estratégia, com plano de ação distinto da técnica, um plano além da instrumentalização: é a técnica do saber fazer aliada à reflexão teórica que cria mecanismos e procedimentos instrumentais e técnicos capazes de desenvolver e alcançar objetivos.

“As novas tecnologias nascem, de um lado, devido à posse dos instrumentos lógicos e materiais indispensáveis para se chegar a uma nova realização, na base dos quais está o desenvolvimento científico, e, de outro, de uma incessante exigência social de superação de obstáculos e busca de inovações, daí porque nenhuma tecnologia se antecipa à sua época.” (Coronel & Silva, 2010, p.2)

A tecnologia social da memória foi pensada pela equipe do Museu da Pessoa¹ partindo da percepção de que todas as histórias importam e devem ser contadas (Museu da Pessoa, 2009). Portanto, foi estruturada a proposta de colocar histórias no mundo por meio de uma aplicação facilitada e de baixo custo. Dentro desta tecnologia a/as memória/s são apresentadas em variadas técnicas de registro de histórias e construção de narrativas. “O Museu da Pessoa acredita que contar, escutar, conhecer e preservar histórias de vida pode mudar seu jeito de ver o mundo” (Museu da Pessoa, 2022, p.1).

A instituição relata que sua missão é “transformar a história de toda e qualquer pessoa em patrimônio da humanidade” e que os valores agregam a escuta; democratização da memória; protagonismo; colaboração e justiça social. (Museu da Pessoa, 2022, p.1). Assim, algumas das principais perspectivas da instituição vão de encontro aos objetivos da utilização da história de vida como método.

Dessa forma, é possível associar as bases do museu com as bases teórico-metodológicas para utilização do método de história de vida e, especificamente, das entrevistas de para resgatar e divulgar histórias. Foi com este contexto que o museu, com a longa trajetória trabalhando com histórias de vida, desenvolveu a tecnologia social da memória para ajudar outras pessoas e organizações que também objetivam este fim.

“O Museu da Pessoa trabalha para fazer das histórias de vida um antídoto contra a intolerância. Registra, preserva e compartilha histórias de vida e através de sua tecnologia social de memória fomenta, capacita e engaja pessoas e grupos. A tecnologia social de memória do Museu da Pessoa reúne práticas, conceitos e princípios para fomentar o registro, a preservação e a disseminação de memória de famílias, grupos, organizações e comunidades.” (Museu da Pessoa, 2022, p.1)

Ainda que diversos os formatos de registro, nas histórias de vida há sempre a preocupação sobre a expressão da singularidade, uma vez que elas se relacionam com o indivíduo que vivenciou um momento histórico e se apropriou de forma pessoal de sua experiência. Nesse sentido, a entrevista de história de vida demanda um vínculo entre quem entrevista e quem narra, baseada na escuta ativa e na construção do saber compartilhado como estratégia para acessar importantes memórias e torná-las públicas.

“Uma forma de registrar as histórias de vida é por meio da entrevista, uma prática de interação entre dois lados: quem conta e quem pergunta e ouve. Ao contrário de um interrogatório ou questionário, o que se busca é criar um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de uma delas. Podemos dizer que a entrevista é um produto em coautoria do entrevistado e do entrevistador. Busca-se transformar a entrevista num momento solene, até mesmo sublime, em que a pessoa possa se religar a sua memória e contar sua história, com ajuda de um entrevistador atento e respeitoso. É como puxar o fio da memória e deixar que a narrativa flua. Costumamos dizer que, para uma

¹ O Museu da Pessoa foi fundado em 1991 e é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de todos e onde é possível contar e conhecer histórias diversas. (Museu da Pessoa, 2009).

boa entrevista, pode bastar uma primeira pergunta. A partir de então, é saber ouvir uma história que muitas vezes está simplesmente guardada, pronta para ser contada.” (Museu da Pessoa, 2009, p.42).

A tecnologia social da memória (Museu da Pessoa, 2009) ensina que para a realização da entrevista de história de vida – na qual o assunto é importante para o entrevistado – as narrativas surgem de forma natural, sem que seja necessária a formulação de uma pergunta direta com muitas especificidades. Toda pessoa tem uma bagagem e irá se apropriar dos momentos vividos e os transformar em histórias singulares. Basta ao entrevistador a função de buscar por ganchos e conduzir o narrador com mínima interferência possível.

Dentro dessa perspectiva, a entrevista de história de vida se baseia na capacidade de narrar e ressignificar memórias. A maneira de organizar e transmitir experiências é singular e as individualidades fazem parte da subjetividade do ser social. O ato de contar uma história de vida é um exercício de construção do eu realizado a partir do estímulo, um resultado colaborativo que traz à tona perspectivas singulares sobre vivências. Essas vivências não se esgotam: é o sentido da vida para aquela pessoa naquele momento, o que importa naquele instante, já que a própria percepção individual é modificada constantemente. Além disso, trata-se também de uma construção a partir do estímulo do entrevistador, do vínculo construído, da escuta ativa e do saber compartilhado amparado nas subjetividades.

“Cada entrevistado não é entendido como uma mera fonte de “informações” sobre o assunto, mas, sim, como uma pessoa que de alguma maneira vivenciou um pedaço daquela história. Nesse sentido, sua narrativa de vida é, em si mesma, a principal fonte que se quer coletar. É muito importante que o grupo sinta curiosidade e respeito pelo entrevistado. O entrevistado é o autor principal da narrativa. É ele quem deve determinar o ritmo, o estilo e o conteúdo da sua história. No entanto, o sucesso da entrevista depende muito do entrevistador.” (Museu da Pessoa, 2009, p.50)

Ou ainda, a tecnologia social da memória evidencia que a entrevista de história de vida se relaciona com o que a pessoa escolheu contar naquele momento. Parte-se da perspectiva de que entrevistados não são informantes, o importante são as histórias e a singularidade presente em cada narrativa. Na história de vida é necessário se ater à articulação do narrador, aos destaques dados a certas particularidades, aos comentários, silêncios e nuances de cada história.

Sobre os cuidados tomados durante a entrevista, a tecnologia social da memória demarca a necessidade de mostrar ao narrador que a história é dele e que deve se sentir à vontade para não responder algo que não queira e verbalizar. Além disso, a tecnologia social da memória também ressalta alguns outros passos importantes que devem ser cumpridos como: elaboração e assinatura de termo de licença de uso para que a narrativa possa ser publicada; explicar ao entrevistado sobre todo contexto da entrevista, o projeto, o teor e o tempo previsto para realização da entrevista, além de detalhar o que acontecerá com a entrevista após efetivada.

“A história de cada pessoa, grupo ou instituição diz respeito à história de toda a sociedade. Dessa forma, vale garantir que um conteúdo socialmente produzido seja socialmente apropriado. É essencial que os autores da narrativa (o entrevistado ou o titular de uma foto, por exemplo) autorizem a reprodução e o uso da sua imagem, voz ou texto, bem como sejam esclarecidos quanto ao destino do material por meio de um documento de cessão de direitos.” (Museu da Pessoa, 2009, p.55)

A técnica para o momento da entrevista é pautada na escuta ativa. O protagonismo de condução da narrativa é do entrevistado, mas o roteiro é feito para que os assuntos de importância não sejam esquecidos durante o diálogo, ainda que sempre dando condições que os narradores possam contar livremente suas vivências e o que consideram importante destacar. Após concedida a permissão das entrevistadas, os encontros devem ser gravados em formato sonoro ou em vídeo, e posteriormente transcritos. Em um segundo momento, preferencialmente em um dia posterior ao da primeira entrevista, deve ser marcado um encontro para entrevista sobre o acervo do próprio entrevistado. O método da tecnologia indica que sejam solicitados ao entrevistado dez imagens, fotos, documentos, objetos pessoais ou outros elementos que ajudem a traçar a história de vida, que possam retratar história contada. (Museu da Pessoa, 2009).

“Além da entrevista, as fotos, os documentos e os objetos pessoais também são valiosos portadores da memória. Não se trata somente de ilustrar a entrevista, mas sim de complementá-la e enriquecê-la. Dessa maneira, em torno do entrevistado forma-se um acervo, muitas vezes inédito e de grande riqueza.” (Museu da Pessoa, 2009, p. 60)

Nesta segunda entrevista – que também deve ser registrada – é necessário questionar o motivo da escolha de cada item do acervo e a história por trás do item. A intenção é compreender as motivações que englobaram a escolha de forma que a história dos objetos possa auxiliar na construção/elucidação da narrativa. Todos os itens escolhidos pelo entrevistador serão fotografados e constarão, na íntegra, na publicação da narrativa com legendas descritivas.

A escolha teórico-metodológica do uso de histórias de vida associada à tecnologia social da memória não objetiva a coleta extrativista de dados para análise. Não é esperado com este método coletar informações de fontes e sim a publicização de histórias de vida. No entanto, a partir destas histórias é possível perceber detalhes nas narrativas que possibilitem uma interpretação sobre a constituição dos fenômenos sociais com a centralidade comunicacional. A intenção é que, ao contar sua história os narradores possam também ressignificar memórias e a própria existência. Acrescenta-se ainda que os procedimentos metodológicos partem de uma percepção teórica e de uma escolha ideológica que visa utilizar a própria efetivação do método como parte das estratégias para alcançar os resultados esperados.

4. História de Vida e as Pesquisas em Comunicação

São diversas as potencialidades de se utilizar entrevistas de história de vida para pesquisas no campo da Comunicação. Inicialmente a natureza comunicacional do método e a força do vínculo entre narrador e entrevistador faz com que a entrevista seja um mecanismo para transformação social, dando a quem narra a oportunidade de ressignificar memórias. Perazzo (2015) relata que

“Assim, as Narrativas Oraís de História de Vida constituem-se em um método para se trabalhar com o passado dos indivíduos, com o cotidiano e com as micros experiências sociais. Mas também é um método que nos permite compreender como as pessoas pensam, porque fazem ou fizeram suas escolhas na vida, que posição social assumiram. Por isso, é um método que nos permite compreender as subjetividades. E dessa forma, nos permite trazer para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades, que antes eram apenas dos domínios dos relatos literários e das crônicas.” (Perazzo, 2015, p.10).

Como método a história de vida é reveladora porque podem-se acessar escolhas, subjetividades, experiências sociais e a dinâmica do compartilhamento simbólico, do fluxo da comunicação a partir das micro experiências sociais (Perazzo, 2015). A narrativa funciona quase como uma lupa que, com um *zoom*, nos mostra detalhes da memória e das construções sociais, descortinando um universo de possibilidades.

O que importa é a história que se conta: a percepção subjetiva da realidade através de narrativas trarão à tona facetas do contexto social a que se pretende pesquisar e que também é capaz de expor contradições sociais de minorias e grupos excluídos socialmente (Bosi, 1979). Por meio do método, a vida é revelada através das memórias de vivências que passam por filtros que dimensionam o que é (ou não) importante ser lembrado. “O passado é, portanto, trabalhado qualitativamente pelo sujeito” (Bosi, 1979, p. 29). A narrativa é construída considerando aquilo que se lembra e que é verbalizado com intencionalidade pelo narrador. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *sua* memória.” (Bosi, 1979, p. 2, grifo do autor).

A validade científica do método e sua amplitude de possibilidades se localizam no encontro entre a memória pessoal e a memória social, é nesta fronteira que esta sua força. A intenção de visualizar o que se encontra nesta fronteira não diz respeito à exatidão do que é contado, da busca por uma versão incotestável, pois considera-se que não há possibilidade de uma realidade inquestionável. A história de vida faz emergir uma faceta do que é real para alguém, um ponto de vista particular, individual, único.

Bosi (1979) demarca o fato de que não busca o confronto dos relatos com documentações comprobatórias porque a história de vida não tem essa pretensão: o que interessa não é a veracidade ou a exatidão do que é narrado em comparativo com outros dados, é a narrativa em si, o valor do método está naquilo que se escolhe dizer. A autora ainda ironiza o fato de que a memória pessoal, ainda que contenha erros e lapsos, muitas vezes apresenta menos lacunas que a História oficial conhecida. (Bosi, 1979).

“A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os

mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor.” (Bosi, 1979, p.17).

No passado que é lembrado no presente há uma exclusão de identidade sobre o presente e o passado, surge uma proposição da diferença de ponto de vista entre passado e presente. Assim, a história de vida trazida através das lembranças é a proposição de um ponto, de um momento que traz um comparativo entre presente e passado, e que se modifica a todo instante.

Compreende-se, aqui, que a realidade é construída socialmente e que as narrativas dominantes tomam espaço nesta construção. Então a escolha da utilização da história de vida como método para as pesquisas em comunicação é uma opção ideológica na busca de tornar públicas histórias não contadas e, a partir destas histórias, tentar compreender fenômenos sociais complexos com centralidade comunicacional. Paralelamente, busca-se trazer ao âmbito constitutivo destes fenômenos fragmentos singulares de histórias que os ressignifiquem e modifiquem.

5. Considerações Finais

Demonstrados os caminhos convergentes entre epistemologia da comunicação, história de vida e tecnologia social da memória, é possível visualizar as possibilidades do uso da história de vida para as pesquisas com problemas vinculados à comunicação.

A história de vida é vínculo assim como a comunicação e este “agir em comum” conceituado por Muniz Sodré (2014) demonstra como esta mediação simbólica presente no método é potencializadora de construções coletivas conscientes e inconscientes. Mais que uma possibilidade científica de abordagem qualitativa as entrevistas de histórias de vida são mecanismos de transformação e propulsoras de mudanças sociais.

A comunicação como campo científico em consolidação se utiliza de diversos métodos originados em outras áreas, como a história de vida com origem na psicologia social, o importante é compreender de que maneira cada um destes procedimentos metodológicos podem auxiliar para as questões comunicacionais. Neste caso são incontáveis as possibilidades qualitativas do método, mas é necessário que haja na pesquisa a intenção de estabelecer vínculo e de uma questão-problema que vise compreender as dinâmicas comunicacionais em qualquer fenômeno que aconteça socialmente a partir do processo comunicativo.

Triangular epistemologia da comunicação com estudos de memória/história de vida e a tecnologia social da memória traz uma nova possibilidade de abordagem metodológica que se utiliza de elementos teórico-metodológicos já previstos e consolidados mas que em confluência conformam uma inovação com potencialidades para o futuro das pesquisas da área da comunicação.

Além disso, demarcar a comunicação como constitutiva dos fenômenos sociais é importante para o fortalecimento do campo da ciência da comunicação, assim como olhar para os métodos possíveis, como a história de vida, com uma visada centralizada na comunicação e que não instrumentalize a noção de vínculo comunicativo como secundário ou parte do processo. As novas possibilidades metodológicas para os estudos qualitativos dentro das pesquisas em comunicação devem, portanto, ter um olhar autorreflexivo e com a intenção de que a ciência seja propulsora de transformações sociais.


6. Referências


- Bosi, E. (1979). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. Editora T. A. Queiroz.
- Coronel, D. A., & Silva, J. M. A. (2010). O conceito de tecnologia, Álvaro Viera Pinto [The concept of technology, Álvaro Vieira Pinto]. *Economia & Tecnologia*, 20, 181-186.
<https://revistas.ufpr.br/ret/article/viewFile/27033/18029>
- Museu da Pessoa. (2009). *Tecnologia Social da Memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias*. Fundação Banco do Brasil.
- Museu da Pessoa. (2022) *Museu da pessoa: o que é*. Consultado a 20 de fevereiro de 2022.
<https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/>

- Pena, J. O., & Mello, C. J. (2004) Tecnologia social: a experiência da Fundação Banco do Brasil na disseminação e reaplicação de soluções sociais efetivas. In Fundação Banco do Brasil, *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento* (pp.83-87).
- Perazzo, P. F. (2015). Narrativas orais de histórias de vida [Oral narratives of life stories]. *Comunicação & Inovação*, 16 (30), 121-131.
https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672
- Silva, B. (2001). A tecnologia é uma estratégia [Technology is a strategy]. In: Dias, P. & Freitas, V. (org.). Actas da II Conferência Internacional Desafios. *Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projecto Nónio* (pp. 839-859).
- Sodré, M. (2014). *A ciência do comum*. Editora Vozes.

Mayara Martins da Quinta Alves da Silva


Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-7343-3160>

 mayaraquinta@gmail.com

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2142-5855>

 anacarolina.temer@gmail.com

Data de submissão: 02/2022

Data de avaliação: 04/2022

Data de publicação: 07/2022